

# RECEPÇÃO POÉTICA

III



JOAQUIM INÁCIO DE SEIXAS BRANDÃO [CIRCA 1766<sup>1</sup>]

**Ode a um árcade de Roma,  
que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil**

Oh, como, amigo fogem apressados  
os fugitivos anos!  
Pouco a pouco nos vai o tempo escasso,  
com lisonjeiro passo,  
tornando os lisos rostos enrugados;  
e depois de sofrer da idade os danos  
e os inocentes giros da Fortuna,  
nos virá encontrar, enfurecida,  
Libitina importuna  
c'o voraz instrumento, que consome  
a inestimável vida,  
e não somente a vida, mas o nome.

E tu, a quem oferece a amiga sorte  
a gloriosa empresa,  
com que possas no mundo eternizar-te,  
roubando a mor parte  
do seu triunfo à inexorável morte,  
não receies dos mares a braveza,  
corre, apressa-te, vai, com largo passo,  
no côncavo madeiro dividindo  
o soberbo Oceano;  
que aos que aspiram a glória de primeiros,  
tu o sabes, Terminando,  
foram sempre os perigos companheiros.

---

1 Ode escrita, necessariamente, após a estada de Basílio da Gama na Itália e na altura em que foi ao Brasil, onde estaria no lançamento ao mar da Nau Serpente (fevereiro de 1767), a que dedica um soneto. Segundo Carlos Versiani dos Anjos (cf. artigo publicado nesta revista), o poeta já estaria no Rio de Janeiro, a 5 de janeiro de 1767, pois compôs uma ode para a festa de aniversário do Conde da Cunha.

Por eles vive Alcides ainda hoje  
nas memórias eterno,  
já desprezando as garras do Nemeo,  
já as fúrias d'Anteo,  
por mais que pelas ter ao chão se arroje:  
ou veja o imundo arrais do negro Averno  
em a musgosa embarcação rachada  
receber muita parte no seu seio  
da Estige perjurada,  
ou ouça entre gemidos d'almas tantas  
o som medonho e feio  
do rouco ladrador de três gargantas.

Com as asas abertas inda voa  
do sábio grego Ulisses  
a fama, nos perigos alcançada;  
e nas praias sentada  
do claro Tejo inda está Lisboa,  
que dele conta os casos infelices  
Não temas, não, que o mar te seja oposto  
ou que troveje o Céu de polo a polo;  
vai, com sereno rosto,  
pois não tens contra ti, qual pio Eneias,  
quem ao raivoso Eolo  
promete dar formosas Deopeias.

Não te move a buscar a pátria terra,  
no fresco e leve pinho,  
a faminta ambição do metal loiro;  
nem ir cavar o oiro  
que em vão a Natureza nos encerra,  
por mais que esteja de Plutão vizinha,  
Não vás do Paraúna<sup>2</sup> ou do turvado  
Jequitinhonha os rígidos diamantes  
arrancar, assustado,  
rios bem que de nome tão pequeno,

---

2 No original: "Perauna".

mais ricos e abundantes  
do que o Indo, o Pactolo, o Tejo, o Reno.

Vais ver da América a silvestre face  
e a frente coroada  
de penas encarnadas e amarelas,  
e pôr-lhe, em lugar delas,  
o verde loiro, que na Arcádia nasce;  
e à rude mão, às setas costumada,  
acomodar-lhe a cítara sonora,  
fazendo que o som bárbaro e grosseiro  
mudando em voz canora  
tanto voe, que a fonte assaz perene  
do Rio de Janeiro  
nenhuma inveja tenha à de Hipocrene.

Depois de haver corrido os vastos mares.  
cheio de fama e glória,  
outra vez tornarás, contente e pago  
a ver do Tibre vago  
as correntes, as águas singulares.  
Entrarás em o templo da Memória;  
e ao Deus, que é dos pastores venerado,  
entre aplausos alegres, entre vivas,  
do Arcádico Senado,  
cingindo-te dos louros merecidos,  
nas paredes votivas  
suspenderás os úmidos vestidos.

**Fonte:** Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Manuscrito*, 1189.

## Saudação à Arcádia Ultramarina<sup>4</sup>

### I

Enfim eu vos saúdo,  
Ó campos deleitosos,  
Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo  
Brotando estais os loiros mais frondosos  
Eu vos vou descobrindo,  
Belas estâncias do pastor Termindo.

### II

Já sinto que respira  
Uma aura em vós suave  
Orfeu pulsa de novo a doce lira  
Ouve Tebas de novo o plectro grave  
Seu número é mais terno,  
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

### III

Que pastores tão novos  
São estes, que vos pisam,  
Como entre tristes, e grosseiros povos,  
De nova gala os campos se matizam;  
Quem forma estas cadências?  
Quem produz tão mimosas influências?

---

<sup>3</sup> Hipótese assumida por M. Rodrigues Lapa (“O enigma da ‘Arcádia Ultramarina’ aclarado por uma ode de Seixas Brandão. *Minas Gerais*. Suplemento Literário, Belo Horizonte, 27 dez. 1969), ao lembrar que Cláudio se apresenta em 1768, no frontispício de suas *Obras*, como “árcade ultramarino”, mas “já não foi a tempo de incluir a composição no volume”.

<sup>4</sup> Editado pela primeira vez em 1810, no tomo II da *Collecção de poesias ineditas dos melhores authores portuguezes*, com o título de “Saudação à Arcádia”, este poema teve o seu título ampliado para “Saudação à Arcádia Ultramarina” (como aqui o apresentamos), a partir da edição das *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, organizada por João Ribeiro, em 1903.

#### IV

Se os olhos me não mentem,  
Os venturosos nomes  
Gravados nestes troncos já se sentem,  
Tu tempo gastador, os não consumes  
Driário aqui diz este  
Ninfeu diz outro, aqui diz outro Eureste<sup>5</sup>.

#### V

Na mais copada faia  
Abriu o férreo gume  
O nome de Termindo, o Sol que raia,  
Aqui bate primeiro o claro lume,  
Ele o vê, ele inveja  
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

#### VI

Ah se da glória vossa  
Pastores cá me vira  
Tão digno, que na bela Arcádia nossa  
Igualmente meu nome se insculpira.  
Entre a série preclara  
De Glauceste a memória se guardara.

#### VII

Mas onde irá sem pejo  
Colocar-se atrevido,  
Quem longe habita do sereno Tejo,  
Quem vive do Mondego dividido,  
E as auras não serenas  
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

---

5 De acordo com Rodrigues Lapa (*ob. cit.*), “Driário”, “Ninfeu” e “Eureste” são os pseudônimos pastoris dos poetas brasileiros ligados à fundação da arcádia, isto é “colônia ultramarina”. Driário é Driásio Erimanteu, pseudônimo com que Seixas Brandão se inscreveu na Arcádia Romana. Em *A poesia dos Inconfidentes* (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 1078), lê-se que Ninfeu é certamente Ninfejo Calistide, *Pastore Arcade, Romano, Ultramarino* – autor da “Risposta” à “Canzonette Nice a Il Pastore”, de Cláudio Manuel da Costa (op. cit., p. 285-289) – e Eureste é Eureste Fenício, pseudônimo provável de Alvarenga Peixoto que, apresentando também como Pastor Arcade, Romano, Ultramarino é autor poema-resposta a “Nise a Fileno”, de Cláudio Manuel da Costa (op. cit., p. 275-283).

## VIII

Sim, vosso caro abrigo,  
Pastores, pode tanto,  
Que despertando do silêncio antigo,  
Erguer bem posso sem vergonha o canto:  
Convosco está Glauceste,  
Convosco faz soar a flauta agreste.

## IX

Se não cantar os feitos  
Do bom pastor d'Anfriso,  
Se de Jove, e de Marte entre os eleitos,  
Não espalhar cantando um doce riso;  
Saberei nesta praia  
A Títiro imitar junto da faia.

## X

Em vós, ó campos, cresça  
A vegetante pompa,  
Cresça o verde esplendor, em vós floresça  
A murta, o loiro, e na doirada trompa  
Do monstro sempre errante,  
O nome de Termindo se levante.

**Fonte:** *Collecção de poesias ineditas dos melhores authores portuguezes*. Tomo II. Lisboa, Of. de João Rodrigues Neves, 1810, p. 3-6.



**Soneto**

Ao Autor

Parece-me que vejo a grossa enchente,  
E a vila errante, que nas águas boia:  
Detesto os crimes da infernal tramoia:  
Choro a Cacambo, e a Cepé valente.

Não é presságio vão: lerá a gente  
A guerra do Uruguai, como a de Troia;  
E o lagrimoso caso de Lindoia  
Fará sentir o peito, que não sente.

Ao longe, a Inveja um país ermo, e bronco  
Infecte com seu hálito perverso,  
Que a ti só chega o mal distinto ronco.

Ah! consente que o meu junto ao teu verso,  
Qual fraca vide, que se arrima a um tronco,  
Também vá discorrer pelo Universo.

**Fonte:** *O Uruguay. Poema de José Basilio da Gama na Arcadia de Roma Terminado Sipilio dedicado ao Illmo. e Exmo. Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima &c. &c. &c..* Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1769, p. 103.

INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO [1769]

**Soneto**

Ao Autor

Entro pelo Uruguai: vejo a cultura  
Das novas terras por engenho claro;  
Mas chego ao Templo majestoso, e paro  
Embebido nos rasgos da pintura.

Vejo erguer-se a República perjura  
Sobre alicerces de um domínio avaro:  
Vejo distintamente, se reparo,  
De Caco usurpador a cova escura.

Famoso Alcides, ao teu braço forte  
Toca vingar os cetros, e os altares:  
Arranca a espada, descarrega o corte.

E tu, Termindo, leva pelos ares  
A grande ação; já que te coube em sorte  
A gloriosa parte de a cantares.

**Fonte:** *O Uruguay. Poema de José Basilio da Gama na Arcadia de Roma Termindo Sipilio dedicado ao Illmo. e Exmo. Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima &c. &c. &c..* Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1769, p. 104.

PEDRO ANTÔNIO CORREIA GARÇÃO [1769-1772<sup>6</sup>]

**Soneto**

*A José Basílio da Gama, natural do Brasil, tendo  
chegado de Roma, onde compôs o seu poema de Uruguai*

Quem vem lá? Quem nos honra? É Estudante,  
Que das Musas quer ter o magistério.  
Aprendeu com varões do sacro império;  
Porém se tolo foi, veio ignorante:

Examinado ele é um pedante,  
Das Musas portuguesas vitupério,  
Foi criado no cáldo Hemisfério,  
Fidalgo pobre, cavaleiro andante:

Do alto Monte que é aos Céus vizinho  
Só ele ao alado bruto enfreia, e doma,  
Faz castelos no ar de cedro e pinho:

O louro quando quer despreza e toma:  
Arredem-se Senhores do caminho,  
Passe o Cáqui<sup>7</sup> porque chegou de Roma.

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal, *Manuscrito 8582*, p. 158.

---

<sup>6</sup> Soneto escrito após a composição e, talvez, a publicação de *O Uruguai* (cf. legenda que o encima) e antes da morte do autor. É provável que com ele Garção tenha participado na “Guerra dos Poetas”, tal como Basílio da Gama, que responde ao fundador da Arcádia Lusitana com um soneto igualmente malcriado (“Lisboa: três de abril, cheio de sarro”. BNP, Ms. 8582, p. 159).

<sup>7</sup> *Cáqui*: Vocábulo que sugere um jogo fônico bilingue construído com o advérbio português “cá” e seu equivalente italiano “qui”, com a intenção de satirizar o emprego de italianismos por Basílio da Gama, cujo regresso de Roma é mencionado no mesmo verso.

FILINTO ELÍSIO [1769-1771<sup>8</sup>]

## Os Últimos Adeus às Musas

Dedicados ao Senhor Alexandre Sané<sup>9</sup>

[trechos]

*Or laissons donc la Muse, Apollon et ses vers;  
Laissons le luth, la lyre et ces outils divers,  
Dont Apollon nous flatte, ingrante frénésie.  
Régner, Satyre IV.*

Deste ingrato Parnasso me despeço,  
Estéreis, Musas: Cá vos deixo a Lira,  
Que, sem pedir, ma destes. Já me canso  
De esperar por um Louro, uma Hera inútil,<sup>10</sup>  
Infrutífera; prêmio, que não chega,  
Senão depois que a campa emudecida  
Cobre, com seco pó, mirrados ossos,  
Prêmio, que quando vem antes da morte,  
Vem dos dentes da Inveja abocanhado,  
Vem rompendo por turbas de desprezos,  
De pobreza, de injúrias, de fadigas;  
E nunca está na frente tão seguro,  
Que, para dela o derribar, não lidem  
Mil Semivates, fartos de vanglória  
Armados de rifões, e consoantes.  
[...]

Assim adeus, Meninas do Parnasso  
Entretei com lisonjas quem vos creia,  
Em ventoinhas creia, e em vós fiado

---

<sup>8</sup> Informações contidas no poema permitem situar sua escrita entre 1769 e 1771, isto é, após a publicação de *O Uruguai* e a divulgação, em manuscrito, de *O Hissope*, e antes duma data não passível de fixação rigorosa, em que Correia Garção, em plena atividade poética, ainda não teria sido preso.

<sup>9</sup> Nota do original: “Sujeito de apurados estudos, conhecimento das línguas Grega, e Latina, Italiana, Inglesa, Espanhola, e Lusitana, que aprendeu comigo, e de que tem composto um Dicionário Português, e Francês, que está para dar à luz. Mas sobretudo Sujeito de honrados costumes.”

<sup>10</sup> Nota do original: “Ninguém quer a Capela de Hera, por não ser mostrado com o dedo, já que de suas Obras não têm mais que mordedura de néscios, e de invejosos. *Eufrosina*, de Jorge Ferreira, Ato 4<sup>o</sup> cena 5.”

Subindo às asas da palreira Fama,  
Corra as sete partidas deste mundo.  
[...]

Esses, e os seus iguais tracem Poemas,  
Em louvor dos Heróis, dignos de Glória,  
Dos Pais da Pátria, Aurélios, e Trajanos  
Novos Camões o nosso Reino ilustrem,  
Que cantem novos Gamas, e Albuquerque.

Basílio, em Canto altiloquo forceje  
Cantar Freire,<sup>11</sup> na América famoso;  
Que serve o Rei, com honra, e valor nobre:  
General muito humano, cujo peito.  
Mavioso e pio não consente a vista  
De cadáveres frios, dessangrados  
Vítimas da ambição de injusto império.

**Fonte:** *Obras completas*, vol. I. 2<sup>a</sup> edição, emend. e acresc. Paris,  
A. Bobée, 1817, p. 409-419.

---

<sup>11</sup> Nota do original: “Não seria contudo o primeiro, que as corresse. Que já o Infante D. Pedro as correu antes dele. Quem duvidar disso, leia o Auto das sete partidas desse filho de D. João I.”

## Epístola

Gênio fecundo, e raro, que com polidos versos  
A natureza pintas em quadros mil diversos:  
Que sabes agradar, e ensinas por seu turno  
A língua, que convém ao trágico coturno:  
Teu Pégaso não voa furioso, e desbocado  
A lançar-te das nuvens no mar precipitado,  
Nem pisa humilde o pó: mas por um nobre meio  
Sente a doirada espora, conhece a mão, e o freio:  
Tu sabes evitar s'um tronco, ou jaspe animas  
Do sombrio Espanhol os góticos enigmas,<sup>12</sup>  
Que inda entre nós abortam *alentos dissolutos*<sup>13</sup>  
*Verdes indignações, escândalos corruptos.*<sup>14</sup>  
Tu revolves, e excitas conforme as ocasiões  
No humano coração a origem das paixões.

Quem vê girar a Serpe da Irmã no casto seio<sup>15</sup>  
Pasma, e d'ira, e terror ao mesmo tempo cheio  
Resolve, espera, teme, vacila, gela, e cora,  
Consulta o seu amor, e o seu dever ignora:  
Voa a farpada seta da mão, que não s'engana:  
Mas, ai, que já não vives, ó mísera Indiana!  
Usarás Caitutu na morte de quem amas  
D'alambicadas frases, e agudos epigramas?  
Ou dirás *como é crível que em mágoa tão sentida*  
*Os eixos permaneçam da fábrica luzida?*<sup>16</sup>  
Da simples natureza guardemos sempre as leis:  
Para mover-me ao pranto convém que vós choreis.  
Quem estuda o que diz, na pena não iguala  
Ao que de mágoa, e dor geme, suspira e cala.

---

12 Nota do editor: "Gongora"

13 Nota do editor: "Pina *Triunfo da Religião*, e no *Romance a Carlos, &*".

14 Como observou Francisco Topa (2014), a rima formada por *corruptos / dissoluto* sugere que, malgrado a ortografia, pronunciava-se "corrutos".

15 Nota do editor: "*Uruguay Cant. 4*"

16 Nota do editor: "*Conquista de Goa*"

Tu sabes os empregos, que uma alma nobre busca  
E aqueles que são dignos do mandrião Patusca:<sup>17</sup>  
Que alegre em boa paz, corado, e bem disposto,  
Insensível a tudo não muda a cor do rosto:  
Nem s'esquece entre sustos, gemidos e desmaios  
Do vinho, do presunto, dos saborosos paios.  
Tu espalhando as flores a tempo, e em seu lugar  
Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.

Indiscreta vanglória aquela, que m'obriga  
Por teima de rimar a que em meu verso diga  
Quanto vi, quanto sei, e ainda é necessário  
Mil vezes folhear um grosso dicionário.  
Se a minha Musa estéril não vem sendo chamada,  
Debalde é trabalhar pois não virá forçada.

Se eu vou falar de jogos só por dizer *Florais*  
*Maratônios, Circenses, Píticos, Juvenais*,<sup>18</sup>  
O crítico inflexível ao ver esta arrogância  
Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundância:  
Quem cego d'amor próprio colérico s'acende,  
E monstruosos partos, porque são seus defende:  
Sua, braceja, grita, e já depois de rouco  
Abre uma grande boca para mostrar que é louco:  
Forma imagens de fumo, fantásticas pinturas,  
E sonhando com as Musas em raras aventuras  
Vai ao Pindo num salto de lira, e de coroa:  
Nascem-lhe as curtas penas, e novo cisne voa:  
Igual ao Cavaleiro,<sup>19</sup> que a grossa lança enresta  
C'o elmo de Mambrino sobre a enrugada testa  
Vai à região do fogo num banco escarranchado,  
Donde traz os bigodes, e o pelo chamuscado.

---

17 Nota do editor: "Uraguay Cant. 5".

18 Nota do editor: "Conquista de Goa".

19 Nota do editor: "D. Quixote".

Se cheio de si mesmo por um capricho vão  
Tem por desdoiro o ir por onde os outros vão:  
É c'o dedo apontado famoso delirante,  
Que por buscar o belo caiu no extravagante:  
Bem como o passageiro, que néscio, e presumido  
Quis trilhar por seu gosto o atalho não sabido,  
Perdeu-se, deu mil giros, andou o dia inteiro,  
E foi cair de noite num sórdido atoleiro.

Eu aborreço a plebe dos magros rimadores,  
De insípidos poemas estúpidos autores,  
Que frenéticos suam sem gosto, nem proveito  
Amontoando frases a torto, e a direito:  
*Vem o loiro Mondego por entre as Ninfas belas:*  
*Que de flores enlaçam grinaldas, e capelas:*  
*Surgem do verde seio da espuma crespada, e alva*  
*Do velho Doiro as cãs, do sacro Tejo a calva,*  
Escondei-vos das ondas no leito cristalino,  
E saí menos vezes do Reino Netunino:  
O que se fez vulgar perdeu a estimação:  
E algum rapaz travesso vos pode alçando a mão  
Cobrir d'areia, e lama: por que sirvais de riso  
À turba petulante da gente inda sem siso.

Se fala um Deus marinho e vêm a borbotões  
Amêijoas, e percebes, ostras, e berbigões:  
Se os lânguidos sonetos manquejam encostados  
Às flautas, aos surrões, pelicos, e cajados,  
Minha Musa em furor o peito m'enche d'ira,  
E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.

Autor, que por acaso fizeste um terno Idílio,  
Não te julgues por isso Teócrito, ou Virgílio:  
Não creias no louvor dum verso, que recitas:  
Teme a funesta sorte dos Meliseus, e Quitas.  
Que muitos aplaudiram quinhentos mil defeitos  
Nos papéis, que hoje embrulham adubos, e confeitos.  
Se o casquilho ignorante com voz enternecida,



Repete os teus Sonetos à Dama presumida,  
Por mais que ela te aclame bravíssimo Poeta,  
Da espinhosa carreira não tens tocado a meta:  
Pois tarde, e muito tarde por um favor Divino  
Aparece entre nós quem de coroa é digno.<sup>20</sup>  
Quem sobe mal seguro, tem gosto de cair,  
E a nossa idade é fértil de assuntos para rir.

Equívocos malvados, frívolos trocadilhos,  
Vós do péssimo gosto os mais prezados filhos,  
Deixai ao Gênio Luso desimpedida a estrada,  
Ou Boileau contra vós torna a empunhar a espada.  
Mas onde, meu Termindo, onde me leva o zelo  
Do bom gosto nascente: o novo, o grande, e o belo  
Respire em tuas obras, enquanto eu fito a vista  
No rimador grosseiro, no mísero Copista,  
Tântalo desgraçado faminto de louvor,  
Que em vão mendiga aplausos do vulgo adorador.

Do Trono Régio, augusto, benigno um astro brilha  
Entre esperança, amor, respeito, e maravilha,  
E à clara luz, que nasce do Cetro, e da Coroa,  
Grande se mostra ao mundo, nova, imortal Lisboa:  
Se ela o terror levou nas voadoras faias  
Por incógnitos mares a nunca vistas praias,  
S'entre nuvens de setas ao meio dos alfanges  
Foi arrancar as palmas, que inda chora o Ganges:  
Da paz no amável seio à sombra de seus loiros  
Hoje aplanam os caminhos aos séculos vindouros:  
A glória da Nação s'eleva, e s'assegura  
Nas Letras, no Comércio, nas Armas, na Cultura.  
Nascem as Artes belas, e o raio da verdade  
Derrama sobre nós a sua claridade:  
Vai tudo a florescer, e por que o povo estude  
Renasce nos Teatros a escola da Virtude.

---

<sup>20</sup> Francisco Topa (2014), aponta também a rima formada por *Divino* / *digno*, que ainda preservaria a pronúncia da forma arcaica “dino”.

Consulta, amigo, o Gênio, que mais em ti domine:  
Tu podes ser Molière, tu podes ser Racine.  
MARQUESES tem Lisboa, se Cardeais<sup>21</sup> Paris;  
JOSÉ pode fazer mais do que fez Luís.

**Fonte:** *A Termino Sipílio Árcade Romano por Alcindo Palmireno  
Árcade Ultramarino Epistola*. Coimbra, Oficina de Pedro Ginioux  
Mercador de Livros, 1772.<sup>22</sup>

---

21 Nota do editor: "Mazarino, e Richelieu."

22 Seguimos, com pequenas alterações, o texto fixado e publicado por Francisco Topa, em *Miscelânea*, vol. 15, Assis, UNESP, jan-jun 2014, p. 239-250.

JOÃO XAVIER DE MATOS [1772-1774<sup>23</sup>]

Se o Cantor Grego, se o Cantor Latino  
Sustentar o caráter não souberam  
Dos dous grandes Poemas que fizeram,  
De que tu foste imitador indigno;

Se o grande Tasso, se o Camões divino,  
Milton, Volter e os que depois vieram  
Réus do mesmo delito pereceram  
No Tribunal de um crítico maligno;

Se o Pina foi pedante; se antiquário  
Garção e Quita; dize-nos, responde,  
Dos Poetas qual tens por formulário?

Ora de envergonhado o rosto esconde;  
Ou é o teu Poeta imaginário;  
Ou se existe, declara-nos aonde.

**Fonte:** *Collecção de obras poeticas dos melhores authores.*  
Tomo I. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, p. 22

---

<sup>23</sup> Poema escrito provavelmente na segunda fase da Guerra dos Poetas, na qual participaram o autor e José Basílio da Gama.

**Sátira**<sup>24</sup>

Em resposta ao Dr. Domingos Monteiro  
de Albuquerque e Amaral, pág. 53  
[trechos]

Donde nasce que todos indulgentes  
Com os seus vícios são; mas contra os outros  
A mordaz língua aguçam, nem perdoam  
Os mais leves defeitos? Hão de a aresta  
Ver nos olhos alheios, mas da tranca  
Que nos seus olhos têm, caso não fazem.  
Quem suportá-los pode?... Casta infame!...  
Da Sátira o açoite levantado  
Sobre vós hoje está! vós dos meus versos  
O argumento sereis; convosco é a briga.

[...]

Bem hajas tu, meu Matos<sup>25</sup>, tu, Basílio<sup>26</sup>,  
Bem hajas: que com uma nobre e tersa  
Locução, do Parnaso ao bipartido  
Cume voado tendes; corromper-vos  
Não vos deixastes das mouriscas vozes  
De rançosa antigualha: vossos versos  
Com aplauso de todos serão lidos;  
Do Tejo sobre as ondas prateadas  
Andarão vossos versos, arrancados  
Da fria mão da morte! vós de eternos  
A fama alcançareis nos Campos Lísios,  
À fresca sombra de viçosos louros,  
Que a honrada fronte adornam dos Mirandas,

---

<sup>24</sup> Sátira pertencente ao conjunto de textos que formam a polémica conhecida por Zamperineida, que decorreu em Lisboa, entre 1772 e 1774.

<sup>25</sup> Nota do editor: João Xavier de Matos, autor das *Rimas*.

<sup>26</sup> Nota do editor: José Basílio da Gama, conceituado autor do poema *Uruguai*.

Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras<sup>27</sup>.

Mas que estro me arrebatá? Da vereda  
Quem me desvia! o fio outra vez se ate.

[...]

Charlatães importunos, já vos deixo,  
Por agora vos deixo, Pintos, Sousas,  
Monteiros, Estoquetes, Bandeirinhas,  
Valente chefe do famoso troço  
Da Ribeira das Naus<sup>28</sup> té à primeira<sup>29</sup>  
Se ao dissabor das Sátiras forrar-vos  
Quiserdes, aceitai o meu conselho;  
É santo: conhecei-vos e calai-vos.

**Fonte:** Alberto Pimentel, *Zamperineida segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Livraria Central de Gomes de Carvalho Ed, 1907, p. 160-166.

---

<sup>27</sup> Nota do editor: Sá de Miranda, Diogo Bernardes e Antônio Ferreira, constituindo uma constelação literária de que Luís de Camões é o centro.

<sup>28</sup> Nota do editor: Luís *Pinto* de Sousa Coutinho, segundo Camilo, ou Pedro Caetano *Pinto*, segundo Teófilo Braga, o capitão de infantaria Manuel de *Sousa*, Domingos *Monteiro* de Albuquerque e Amaral, Domingos Pires *Monteiro* Bandeira, Jerônimo Estoquete, um *Bandeirinha* (cujo diminutivo devia servir para diferenciar de Domingos Bandeira) faziam parte do grupo da Ribeira das Naus, que hostilizava a Arcádia, e era capitaneado por Francisco Manuel do Nascimento, o “valente chefe”, então residente dentro do edifício do Arsenal de Marinha, circunstância que justifica o nome dado ao grupo.

<sup>29</sup> Nota do editor: Variante que se encontra na *Arcádia* de Teófilo Braga: Charlatães importunos, já vos deixo,/Pintos, Sousas, Monteiros, Estoquetes,/Bandeirinhas, e tu, padre Niceno,/Valente chefe do famoso troço/Da Ribeira das Naus, até à primeira/Se ao dissabor das Sátiras forrar-vos/Quiserdes, aceitai o meu conselho;/É santo: conhecei-vos e calai-vos.

E. G. P. [1774]

### **Soneto**

A Terra oprima pórvido luzente,  
E o brilhante metal, que ao Céu erguidos  
Os altos feitos mostrem esculpídos  
Do Rei, que mais amou a Lusa Gente.

Esteja aos Régios pés Dragão potente,  
Que tanto os povos teve espavoridos,  
C'os tortuosos colos suspendidos  
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da Memória  
As brancas asas sobre o Trono abrindo  
Assombrem a dourada, e muda História.

Ao Índio livre já cantou Termindo.  
Que falta, Grande Rei, à tua Glória;  
Se os louros de Minerva canta Alcindo?

**Fonte:** Manuel Inácio da Silva Alvarenga, *O desertor. Poema heróico-cômico*. Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1774, p. s/n.

### **O templo de Netuno**

Adeus Termindo, adeus augustos lares  
Da formosa Lisboa; o leve pinho  
Já solta a branca vela aos frescos ares.

Amor, o puro Amor do pátrio ninho  
Há muito que me acena, e roga ao Fado  
Que eu sulque o Campo azul do Deus marinho.

Eis a Nau, que já dum, já doutro lado  
Se deita, e se levanta; foge a Terra,  
E me foges também Termindo amado.

Da alegre Sintra a desejada Serra  
Mal aparece, e o vale, que ditoso  
De Lília, e Jônia, a voz, e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso  
Te vejo estar da praia derradeira,  
Cansando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira  
Despregada da popa, que voando  
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar, de quando em quando,  
O Vento, os vários climas, e o perigo  
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva consigo,  
E te arranca dos braços, num só dia,  
O suspirado Irmão, e o caro Amigo.

Rijo Norte nas cordas assobia:  
Quatro vezes do Sol os raios puros  
Voltaram, e só mar, e Céu se via.

Quando a estéril *Salvage*<sup>30</sup> os verde escuros  
Ombros ergueu do sal, que se quebrava  
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu, vi Tritão mancebo, que animava  
O retorcido búzio, e diligente  
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Bate as asas um Gênio, e vem contente  
Numa mão a Coroa, noutra a taça:  
Deu-me do néctar, e cingiu-me a frente.

Termino, pois de Febo a mão escassa  
Nega seus dons aos rudes, e aos profanos,  
Guarda meus versos dessa tosca raça.

Embora os leiam peitos sobre-humanos,  
Que no cume do Monte bipartido  
Das santas Musas viram os arcanos.

Entrei no Templo de cristal polido,  
Do grão Netuno amplíssima morada;  
E o vi num trono de safira erguido.

Defronte está de Ninfas rodeada  
A branca Tétis: as enormes Focas,  
E os amantes Delfins guardam a entrada.

Os grandes Rios, que por largas bocas  
Entram no vasto mar com fama, e glória,  
Co'as urnas vêm desde as nativas rocas.

---

<sup>30</sup> Nota do editor: “Ilha deserta não muito distante da Madeira.”



Vejo a Paz, a Fortuna, e a Vitória,  
O Deus d'Arcádia, o inventor da Lira,  
Vênus, Amor, e as Filhas da Memória.

Príncipe amado, por ti suave gira  
Nas cordas de ouro o delicado plectro;  
Apolo o move; e Clio assim respira,  
Em alto, nupcial, festivo metro.

Do lúcido Titã a bela Esposa  
De cor-de-rosa – o áureo coche adorna;  
E alegre torna – a nos mostrar seu rosto  
Cheio de glória, de prazer, e gosto.

As brancas asas sobre o novo leito  
Aos Céus aceito – o casto Amor estende;  
A pira acende; – e inda estreitar procura  
O mais ditoso laço, a fé mais pura.

Concórdia, tu que tens de Amor a chave,  
Prisão suave – tu lhe tens tecida  
De quantos Ida – em margens deleitosas  
Cria intactos jasmins, e frescas rosas.

Pérsico ornato a fértil Cópia ajunta;  
E de Amatunta – a Deusa delicada  
Vem rodeada – dos Cupidos belos:  
Uns voam, outros lhe pendem dos cabelos.

Casta Lucina, o teu formoso aspecto  
Com doce afeto – inclina; e nos dê prova  
A prole nova – que é de amor tributo;  
E seja de tais ramos digno o fruto.

Se fundaram, por séculos inteiros,  
Avós guerreiros – de Lisboa os muros,  
Netos futuros, entre glória imensa,  
Nascei; é vossa a justa recompensa.

Cercam o Trono, a cândida Verdade,  
E em tenra idade, – a rara Fé, Nobreza,  
Graça, Beleza, – e quanto o Céu fecundo  
Por honra da Virtude, envia ao Mundo.

O Júbilo nos Povos se derrama;  
Alegre a Fama – vai de Agouros cheia;  
E a Nuvem feia, – que a Tristeza envolve,  
Espalha o vento, e em átomos dissolve.

Do grande Avô o Espírito disperso  
Pelo Universo – voa; aos seus vindouros  
Prepara os louros, – vejo a murta, e as palmas,  
Dignas coroas de tão grandes almas.

Possa da Augusta Filha o forte braço  
Por longo espaço – sustentar o escudo,  
Que ampara tudo – o que o seu Reino encerra;  
E encher de Astros o Céu, de Heróis a Terra.

Cantou a Musa; e sobre todos chove  
Celeste ambrosia: alado Mensageiro  
Leva as notícias ao Supremo Jove.

Ouviu então do Mar o Reino inteiro  
A fatídica voz, e o nobre canto  
De Proteu, que os futuros viu primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto  
Dos olhos me roubou tudo o que eu via;  
Que os tímidos mortais não podem tanto.

Cheia de limo, e de ostras, dividia  
A já cansada proa os mares grossos,  
Até que amanheceu o novo dia.

Se enfim respiro os puros climas nossos,  
No teu seio fecundo, ó Pátria amada,  
Em paz descansem os meus frios ossos.

Vive, Termindo, e na inconstante estrada  
Pisa a cerviz da indômita Fortuna;  
Tendo a volúbil roda encadeada  
Aos pés do Trono em sólida coluna.

**Fonte:** *O templo de Neptuno por Alcindo Palmireno, Arcade Ultramarino*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1777.

ANTÔNIO DINIS DA CRUZ E SILVA [CIRCA 1790]

**Soneto II**

A José Basílio da Gama,  
autor do poema intitulado *Quitúbia*.

Errado o vulgo cegamente cria,  
Que a sã virtude, esse dom sagrado  
A raras almas raramente dado,  
E que ao templo da Fama os mortais guia,

Entre as ásperas brenhas se não via,  
Onde até o seu nome era ignorado;  
E que da África o campo dilatado  
Só cruéis feras; só monstros produzia.

Mas tua Lira, que triunfante prostra  
O Tempo, e negra Inveja, e que altamente  
A difícil do Pindo estrada mostra;

Hoje do bom Quitúbia à cega gente  
A fé pintando e o grão valor, demonstra  
Que também tem heróis África ardente.

**Fonte:** *Poesias*, tomo IV. Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1814, p. 4.

MACHADO DE ASSIS [1895]

## Lindoia

Vem, vem das águas, mísera Moema,  
Senta-te aqui. As vozes lastimosas  
Troca pelas cantigas deleitosas,  
Ao pé da doce e pálida Coema.

Vós, sombras de Iguazu e de Iracema,  
Trazei nas mãos, trazei no colo as rosas  
Que amor desabrochou e fez viçosas  
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegai, folgai, cantai. É esta, é esta  
De Lindoia, que a voz suave e forte  
Do vate celebrou, a alegre festa.

Além do amável, gracioso porte,  
Vede o mimo, a ternura que lhe resta.  
*Tanto inda é bela no seu rosto a morte!*

**Fonte:** *Ocidentais*. In *A Poesia Completa, edição anotada, recepção crítica*. Organização e fixação dos textos de Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2009, p. 238-239.

PADRE JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA [1896<sup>31</sup>]

### No centenário de Basílio da Gama

Considerando-o como literato  
que soube honrar o nome brasileiro,  
dou aplausos ao lírico mineiro,  
e o mérito real lhe admiro e acato.

No tempo do Pombal, homem de tato,  
foi Basílio da Gama segreheiro  
do enérgico estadista marralheiro,  
em defesa do qual eu não me bato.

Da política, pois, aqui prescindindo,  
lamentando não ser meu verso lindo  
e digno de gentil polianteia.

E, se escrevo de modo tão sincero,  
benévola desculpa ansioso espero  
dos bons autores dessa boa ideia.

**Fonte:** *Produções da caducidade*. Rio de Janeiro: Livraria de Laemmert, 1896, p. 100.

---

<sup>31</sup> Nota do editor: "No centenário de Basílio da Gama" figura em artigo de Xavier Pinheiro, publicado no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 31 de julho de 1926. Ao final do soneto consta "Barbacena, julho de 1895", informação que foi, curiosamente, descartada pelo poeta ao editá-lo em livro.

**Moema**

Rosa rubra dos Trópicos... Moema!  
Alma-virgem das lendas brasileiras!  
Irmã – pela constância – de Iracema...

Romântica-selvagem! flor de idílio,  
antes havido só nas verdadeiras  
Amorosas de Homero e de Virgílio!

Predestinada, passional Moema!  
Amor sacrificado! dor vivida  
nos sete espinhos de amoroso poema!

Virginal Dido-Elissa das florestas,  
mais do que abandonada – incompreendida  
no amor de sacrifício, a que te aprestas!

Caramuru partiu... E, como Eneias,  
foi para sempre! Mas, não foi sozinho,  
arreatado a novas epopeias.

Foi entre os braços de outra – amante e amado –  
abrindo sobre as ondas o caminho  
à galera feliz do seu noivado.

Vendo esbater-se, no horizonte, a nave,  
tentou-te o Mar. E, entregue à tua sorte,  
foste boiando à correnteza suave...

Oh! que desgraça! E que beleza, a tua!  
– “Tanto era bela, no seu rosto, a Morte”,  
e, no seu corpo, a virgindade nua!

Bem mais feliz que tu, Mártir obscura,  
foi aquela puríssima Lindoia,  
tua irmã em martírio e formosura:

Deu-lhe a Morte esplendor: viu-a dormente  
e fê-la desmaiar — humana joia  
no engaste das espiras da serpente.

Quando a alma está nas espirais do Sonho,  
que importa ao corpo em tréguas se lhe enrosque  
hera, roseira em flor, reptil medonho!?

Feliz foi ela! Exausta de fadiga,  
adormeceu, morreu em pleno bosque,  
com a atitude de uma estátua antiga.

Mas tu, cabelo solto e a alma em desfolhos,  
tu mesma, deste a hora derradeira  
e viste a imagem trágica em teus olhos!

Ias, como as ninfeias da ribeira,  
boiando no teu túmulo flutuante,  
imaculada Ofélia brasileira!

Pobre Ofélia aborígene! Viveste,  
morta gloriosa, para o amor constante,  
para o sonho de um mundo acima deste!

E renasces nas almas amorosas  
e velas do alto do celeste engaste  
a agonia dos lírios e das rosas.

És, Moema, de certo, a Ofélia triste,  
que em dor e em pensamento transmigraste  
e no nosso hemisfério refluoriste.



E, dos braços do Mar — feliz coveiro —  
foste aos céus: bruxuleias entre os braços  
luminosos e eternos do Cruzeiro ...

Bruxuleias e hesitas, que ainda sentes  
frias, frias as mãos! e os olhos, baços  
de vigílias e lágrimas recentes:

Porque, — formosa, passional Moema,  
alma santificada e constelada  
nas sete dores de teu próprio poema!

— Entre as estrelas, na ânsia da alvorada,  
vês que a ventura só está, Moema,  
só está em amar e ser amada!

**Fonte:** *Despertar!* Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1922,  
p. 51-55.

RAUL PEDERNEIRAS [1942]<sup>32</sup>

## A morte de Lindoia

À memória de Basílio da Gama

Lasciva serpe, tremula, arquejante,  
À morte lenta de Lindoia assiste,  
Cuja beleza, que ao sofrer resiste,  
“Inda conserva o pálido semblante”.

Sob a alcatifa de jasmims existe,  
A murmurar, a fonte lacrimante;  
Há, pelo bosque denso e sussurrante,  
“Um não sei quê de magoado e triste”.

Dos amargores tendo farta messe,  
Ali jaz condenada à iníqua sorte  
“Que os corações mais duros enternece”.

– Desfere a Parca o formidável corte.  
Suspira a fonte eternamente a prece,  
“Tanto era bela no seu rosto a morte!”

**Fonte:** Raul Pederneiras, “José Basílio da Gama”, *Jornal do Commercio*.  
Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1942.

---

<sup>32</sup> Nota do editor: "A morte de Lindoia" figura em "Basílio da Gama", artigo de Xavier Pinheiro, publicado no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 31 de julho de 1926. Esta primeira versão trazia como epígrafe a célebre passagem *d'O Uruguai*: "Inda conserva o pálido semblante/ Um não sei quê de magoado e triste/ Que os corações mais duros enternece,/ Tanto era bela no seu rosto a morte!". Anos depois, o próprio Raul Pederneiras, num breve artigo, "José Basílio da Gama", publicado no *Jornal do Commercio* em 11 de janeiro de 1942, transcreve o poema e rememora as circunstâncias em que foi escrito. No entanto, verificamos que se trata de uma segunda versão bastante modificada e na qual já não consta a epígrafe.

GILBERTO MENDONÇA TELES (1984)

## Uruguai

A Vania

“Serás lido, Uruguai”, quando a leitura  
abrir no teu silêncio um novo idílio,  
juntando as duas margens da procura,  
as duas idas para o mesmo exílio.

Serás lido e lerás a tessitura  
de teu próprio real, esse rastilho  
entre a fonte e o desejo, essa aventura  
de te alisar o azul com um cepilho.

Serás lido por quem te ame e te alise,  
quem reúna o semblante de Lindoia  
na ternura do olhar de alguma Nize.

Alguém que te analise e te reflita  
e que te saiba ver como uma joia,  
um pedaço de sol na mão aflita.

**Fonte:** *& Cone de sombras*. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1995, p. 86-87.